

HERMENGARDA SANTOS (MICÁ) PROFESSORA DE ARTES DECORATIVAS NA UTIS “O ENSINO FOI A MINHA PRIMEIRA VOCAÇÃO”



Hermengarda Santos, Micá para os seus muitos amigos, é uma das professoras que há mais tempo lecciona na Universidade da Terceira Idade de Santarém (UTIS). Está na UTIS praticamente desde o seu início. Natural de Almeirim, aos 80 anos de idade continua a amar as Artes Decorativas e o ensino, a sua primeira vocação. Aos dois anos de vida rumou a Angola de onde regressou 34 anos mais tarde. De lá trouxe “memórias de infundáveis paisagens e as cores maravilhosas daquela terra”. Na disciplina que ministra na UTIS – Artes Decorativas – ensina a “voltar a dar valor às coisas esquecidas”.

Porque decidiu ser professora da UTIS?
Sou apaixonada pelas artes decorativas, pintura, escultura, enfim, toda a arte. Por outro lado, gosto muito de lidar com pessoas e de ensinar. O ensino foi a minha primeira vocação.

Como começou o seu gosto pelas Artes Decorativas?
O meu gosto começou em criança. Fazia imensos trabalhos. Na minha família a educação das meninas passava sempre pelas Artes Decorativas.

Onde se inspira para criar as suas peças?
Inspiro-me em algumas revistas maioritariamente. Outra excelente fonte de inspiração são a partilha e o trabalho que fazemos em conjunto na minha aula. Encontramos inspiração na criatividade umas das outras.

A sua passagem por Angola influenciou a sua arte?
Sim, a minha vida em Angola influenciou muito a minha arte. Vivi numa praia linda com co-

queiros, mas trago comigo memórias de infundáveis paisagens e as cores maravilhosas daquela terra.

Sabemos que antes do termo reciclagem ser tão divulgado já a punha em prática. Como?
Sim, comecei muito cedo a fazer reciclagem. Já em criança fazia trabalhos com caixas de lata de azeite, com pedras, conchas, garrafas, sementes, paus entre outros. Não podia acreditar que aquelas coisas esquecidas não pudessem voltar a ter valor.

No mundo actual há espaço ainda para as Artes Decorativas produzidas de forma artesanal? Continuam a ser valorizadas?
Eu acho que sim. Noto que cada vez mais pessoas fazem este tipo de trabalhos em suas casas. Acredito que tanto por necessidade como por terapia.

Após todo o seu percurso sente-se realizada?
Nem por isso, pois gostava de ter feito muito mais.

TURMA DE JORNALISMO E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE DE SANTARÉM
ANO II
NÚMERO 10
PREÇO: 0,50 UTISINOS
FEVEREIRO 2020

UTIS Universidade Terceira Idade de Santarém

JORNAL DA **UTIS**

CORO DA UTIS CANTA AS JANEIRAS NA CÂMARA DE SANTARÉM

O Coro da Universidade da Terceira Idade de Santarém (UTIS) cantou as Janeiras no Salão Nobre da Câmara Municipal de Santarém, na tarde do passado dia 15 de Janeiro. Uma cerimónia que contou com a presença de Ricardo Gonçalves, presidente da Autarquia Escalabitana, bem como das vereadoras Inês Barroso e Cristina Casanova Martins, do presidente da União de Freguesias da Cidade de Santarém, Carlos Marçal, do então ainda Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, Mário Rebelo, bem como de Vítor Barreto, coordenador pedagógico da UTIS, e de Maria Elisabete Filipe, chefe da Divisão de Acção Social e Saúde da Câmara de Santarém. O Coro da UTIS abrilhantou a tarde com a interpretação de três temas musicais num brinde ao Ano Novo. Em troca, receberam calorosos aplausos, com a retribuição dos votos para um 2020 pleno de saúde, alegria e de boas amizades.



UTIS NO “SABER MAIS” DAS UNIVERSIDADES SÊNIORES



A Universidade da Terceira Idade de Santarém (UTIS) participou, no passado dia 24 de Janeiro, na Arena de Évora, na XVI edição do Concurso de Cultura Geral das Universidades Sêniores “Saber Mais”. A vitória acabou por sorrir à Universidade de Vila Franca de Xira, uma das 20 participantes nesta iniciativa. As Universidades Sênior de Penela e do Seixal classificaram-se no segundo e terceiro lugares, respectivamente. O Concurso é promovido anualmente pela RUTIS e contou, este ano, com a organização da Associação Sênior de Évora que acolheu o evento. A equipa que tão bem representou a UTIS foi constituída pelas alunas Ana Isabel Vieira, Graciete Alves e Rejane Wilke, contudo, não chegou para atingir a final, apesar de terem defendido condignamente esta Universidade. Registo para o contagiante entusiasmo dos 44 elementos da claque de apoio que acompanhou a equipa, entre os 650 espectadores que assistiram ao evento. Durante a manhã, os participantes confraternizaram num roteiro cultural que percorreu alguns dos pontos de interesse daquela cidade alentejana. A UTIS venceu a primeira edição deste Concurso, no ano de 2005, em Lisboa, tendo voltado a conquistar o primeiro lugar, em 2013, em Gondomar.

ESCRITA CRIATIVA

É PRECISO DAR CORDA À IMAGINAÇÃO!

Neste ano lectivo iniciou-se na UTIS a disciplina de Escrita Criativa (E.C.). Constitui uma área de saber relativamente nova para alguns. No entanto, esta disciplina surgiu, em primeiro lugar, nos Estados Unidos e logo a seguir na Europa (Inglaterra, França e Alemanha), nos anos 20 e 30. Entrou nos currículos académicos nos anos 40. Porém, na realidade, a E. C. sempre existiu ao longo da História. Os escritores comunicavam entre si e partilhavam experiências e opiniões através de cartas ou em tertúlias.

Nestas aulas pretende-se, em primeiro lugar, vencer o medo da folha em branco, desconstruir a ideia de que "eu não tenho jeito para escrever" ou pior ainda: "eu não sei escrever!". Não faço milagres, no entanto tento criar um ambiente informal, descontraído, onde aplico a velha máxima "aquí ninguém julga ninguém e todas as ideias, mesmo as mais disparatadas, são bem-vindas". A partir daqui trabalhamos técnicas de desbloqueio, como o brainstorming para pôr os neurónios a mexer e agitar as ideias.

Esta desconstrução não é fácil, para quem viveu uma vida inteira

a olhar o mundo sob o seu ponto de vista, é aquilo a que chamo "pensar fora da caixa". É necessário sair de si próprio, abandonar-se, ver com outro olhar, criar personagens e entrar dentro delas, viajar por cenários sem sair do lugar, escrever com os 5 sentidos e percorrer novos caminhos, livre de preconceitos e ideias, feitas, para conseguir criar algo. É preciso dar corda à imaginação.

A E. C., enquanto arte, não tem receitas nem fórmulas mágicas. Em contexto de aula sou apenas uma facilitadora que "obriga" a pensar e a escrever, com pequenos exercícios divertidos e variados. Isto desenvolve um conjunto de competências que tornam o acto de escrever uma descoberta surpreendente e excitante. Dou as técnicas e ferramentas para aprenderem a pensar de forma diferente. A estimulação cognitiva é muito importante nestas idades e funciona como uma terapia fundamental para ginastizar a memória. Tudo isto sem esquecer a estrutura: um texto deve ter introdução, conflito e desenlace, devendo haver uma causalidade entre os acontecimentos e as acções das personagens. Apesar de adoptar como padrão a

teoria clássica de Aristóteles, com mais de dois mil anos, é fundamental que os alunos percebam que "não há um só caminho". É preciso perceber a noção de Julio Cortázar (escritor argentino) quando diz que "um conto tem que ser um murro no estômago do leitor".

A E.C. pode ser facilmente confundida com Literatura. Mas é preciso separar as águas, a Literatura debruça-se sobre a interpretação de textos já acabados que já não podem ser alterados, enquanto a E.C. produz textos.

Quando alguém me diz que não acredita nos cursos de E.C., pergunto-lhe se também não acredita em Conservatórios de Música, Escolas de Belas-Artes, de Teatro ou de Cinema. A ideia de que o escritor nasce com talento ou que tem uma espécie de inspiração divina está, na minha opinião, errada. É preciso talento sim, mas é fundamental conhecer as técnicas e trabalhar arduamente. A escrita é como um músculo: tem de ir ao ginásio todos os dias.

Ana Simão*

*Professora de Escrita Criativa na UTIS



FILOSOFIA

SOBRE UM INTERESSE DESINTERESSADO



Falar da UTIS e da minha experiência na UTIS é, necessariamente, falar de desinteresse. Se este é um conceito, para a maioria dos leitores estranho e pouco comum para falar de uma experiência que se pensa, à partida, como positiva, não o será para os meus alunos que quando, e se, lerem este texto, estarão nesta altura a esboçar um sorriso, uma vez que entendem o seu verdadeiro significado aplicado à minha experiência na UTIS. Não é, pois, a primeira vez que me ouvem esta descrição e esta adjetivação. Passo então a explicar a razão do desinteresse.

Sou professora há mais de vinte e anos e, apenas desde o ano passado, na UTIS, experienciei o verdadeiro desinteresse por parte dos meus alunos. A primeira vez que o disse em plena aula de Filosofia, a reacção foi, tal como esperava que fosse, de espanto. Desinteressados? Nós? Sim, se compreendermos verdadeiramente o alcance do conceito de desinteresse, concretamente do conceito Kantiano de interesse desinteressado. Na verdade, na UTIS não há interesses externos a contaminar o gosto pelo saber, não há, como nos outros níveis de ensino, uma classificação a esperar e um sistema de

avaliação a ensombrar o conhecimento. O que sinto, em todas as aulas, é um gosto genuíno e puro pelo saber, é uma partilha plena de significado. Não será nenhum exagero se disser que lecionar na UTIS está a ser das experiências mais gratificantes em termos profissionais.

Começamos, no ano lectivo anterior, de uma forma tímida, com cerca de 18 alunos inscritos. Os assíduos e resistentes foram cerca de 12. Confesso que, no início, temia o facto de não haver inscrições e, felizmente, hoje quase não cabemos na sala. Cerca de 28 alunos em Filosofia e de 32 em Psicologia. Em cada sessão, os temas escolhidos, apesar de planificados, vão surgindo com base num interesse autêntico, num debate participado e numa curiosidade constante por áreas do saber nem sempre consensuais. No fundo, sou eu que agradeço a simpatia e amabilidade com que sou recebida a cada semana e em cada aula. Há sempre um sorriso acolhedor, que nos agradece a partilha e é esta a minha verdadeira recompensa. Falar da UTIS é, pois, falar de partilha. Como é evidente partilham-se afetos e preocupações, mas, essencialmente, partilham-se saberes, histórias de

vida e experiências. Sou defensora da ideia de que o saber assume muitas formas e o contacto com formações tão diferentes e tão ricas, cada uma a seu modo, é para mim, extremamente enriquecedor e estimulante.

Por último, falar da UTIS é também falar da forma como nos sentimos em casa e em família. Uma casa de boa disposição e de simpatia. Entrar na UTIS, a cada semana, é saber que há já quem olhe para nós e diga "Hoje está muito cansada!" e de seguida ter um chocolate ou um café à minha espera para que a energia regresse. Pertencer à UTIS é COM-VIVER. É perceber que a idade não é o fim de nada, mas pode ser a cada dia uma nova experiência, marcada por novas aprendizagens e vivências. Pertencer à UTIS é envelhecer de uma forma renovada e transformadora, é ser livre para nos dedicarmos de uma forma autêntica aos projetos que nos dão sentido. É desta forma que pretendo continuar nesta experiência, aguardando, ainda que num cenário longínquo, a minha vez de estar no outro lado.

Vera Vicente*

*Professora de Filosofia na UTIS